

Nota introdutória

Opções metodológicas, limitações e perspectivas para o futuro

Sandra Marinho e Manuel Pinto

A cronologia que ocupa as próximas páginas, e uma parte substancial desta publicação, é o resultado de um trabalho diário de acompanhamento da ‘vida’ dos *media*, relatada pelos próprios *media*, mais concretamente, pela imprensa. Trata-se de uma produção do Mediascópio, um projecto de investigação que teve início em 1999 e do qual resultou, entre outros trabalhos, uma publicação (Pinto, 2000) com uma cronologia que abarca o período entre 1995-1999, à qual se pretende dar continuidade com o trabalho que aqui apresentamos.

Também agora vemos um uso primeiro, de carácter muito instrumental, para este registo, relativo ao período 2000-2004: o de instrumento de consulta, ainda que os leitores/investigadores o possam fazer com diferentes propósitos. Poder-se-á recorrer aos dados para confirmar ou procurar informações sobre acontecimentos, mas também como fonte para acompanhar a evolução de fenómenos, sectores, casos ou polémicas, como fizeram os autores dos textos que constituem a primeira parte desta obra. Neste último caso, contudo, lembramos que a cronologia aqui publicada corresponde apenas a um quarto do material originalmente recolhido e que serviu de base para a pesquisa desenvolvida por esses autores. Esta redução deveu-se, naturalmente, à necessidade de gerir o espaço disponível, uma norma que se impõe quando se trata de publicações impressas, e implicou um processo de selecção a partir de critérios, nem sempre fáceis de encontrar e de aplicar, os quais esclarecemos adiante.

Tal como a edição referente ao período entre 1995 e 1999, procura-se dar aqui continuidade a um fluxo de informação sobre a actualidade dos *media*, que remonta ao 25 de Abril, como esclarece Pinto (2000)¹. Também neste caso se privilegiaram os acontecimentos nacionais, em detrimento dos internacionais, que, contudo, tiveram nesta edição uma maior representatividade, o que pode ser explicado por dois factores: por um lado, pelo acréscimo da informação disponível, via uma substancial melhoria em termos do acesso aos

¹ Manuel Pinto relembra trabalhos como o de Mesquita (1994), que faz o retrato do sector da comunicação social de 1974 a 1986; o de Williams *et alii* (1999), que inclui alguns dados até 1998; ou ainda a edição 2546, de 2 de Março de 1997, da revista *Pública* (suplemento de Domingo do jornal *Público*), dedicada aos 40 anos de televisão em Portugal, e que inclui uma cronologia sobre este meio, de Dezembro de 1955 a Janeiro de 1997).

materiais, fruto do recurso às edições *on-line* dos jornais internacionais; por outro lado, ocorreram neste período acontecimentos e tendências marcantes na cena internacional que não poderíamos deixar de assinalar. A título de exemplo, relembremos apenas o 11 de Setembro e a Guerra no Iraque, os atentados à liberdade de expressão e de imprensa, nomeadamente, mas não só, as mortes e raptos de jornalistas no exercício das suas funções, ou ainda a crise económica que afectou o sector dos *media*, com as alterações na propriedade e os despedimentos que lhes estão associados.

O aumento da informação recolhida é, aliás, uma tendência também na informação nacional, explicada não só pelo maior e melhor acesso via internet, como referimos no caso do internacional, mas também pela diversificação das secções onde foi possível encontrar notícias sobre os *media*. Pinto (2000) havia já apontado “um crescendo de atenção e de espaço que os próprios jornais de informação geral passaram a dar ao campo da comunicação e dos *media*”, com órgãos “a dedicar rubricas permanentes a estas matérias, além de um noticiário relativamente assíduo que já existia antes e que continuou entretanto, em secções como a economia, a cultura e a sociedade” (p. 139). Estes traços mantêm-se no período que agora retratamos, mas acrescentaríamos uma outra secção que se dedicou à cobertura dos *media* – a das tecnologias² –, sintoma, e resultado, da evolução do sector do digital, e, particularmente, da sua relação com os *media*, bem visível no desenvolvimento de estratégias “multimédia” e de “convergência”.

Sobre as fontes consultadas e sobre a selecção dos acontecimentos aqui publicados, podem não ser absolutamente representativos daquilo que de mais importante aconteceu no sector. Pretendem, isso sim, representar o que foi publicado pela imprensa acerca dos *media*. Partimos, naturalmente, da expectativa de que estamos perante registos coincidentes, ou seja, acreditamos que os órgãos de comunicação publicam o que de mais relevante acontece. É um pressuposto que poderá ser desafiado e interrogado, mas trata-se de um princípio basilar que tem sustentado um vastíssimo conjunto de reflexões teóricas e trabalhos de pesquisa, pelo menos enquanto ponto de partida, tal como acontece neste caso.

Trata-se, pois, de um processo sucessivo de selecção que explica o resultado final que aqui é publicado. Tudo começa ao nível dos próprios órgãos de informação, que decidem, antes de mais, se vão ou não noticiar acontecimentos relativos aos *media*, que espaço lhes devem dedicar e que tipo de acontecimentos³ serão noticiados. A montante da redacção, temos um factor crucial, o

² As designações variam entre as diferentes publicações (informática, tecnologia, digital...).

³ Questiona-se aqui a existência uma tendência dos *media* para falarem pouco sobre si próprios, seja por que motivo for, para dedicarem (relativamente) pouco espaço a estes acontecimentos e para privilegiarem a publicação de matérias que transmitam uma imagem positiva sobre os jornalistas, sobre o jornalismo e sobre os órgãos de comunicação social.

(distinto) poder de agendamento das fontes de informação, o qual, por si só, influencia (mais ou menos) o que é publicado. Neste contexto, seria interessante reflectir sobre as “zonas de visibilidade” e “de silêncio” que emergem de uma avaliação da presença – ausência de determinadas fontes/temas e as implicações daqui decorrentes.

Deste primeiro nível de escolha, que não controlamos, passamos a outros, estes já da nossa responsabilidade: optámos por recorrer à imprensa (ainda que consultemos, em grande parte dos casos, as versões *on-line* dos jornais) e, para isso, dedicámo-nos à consulta sistemática de alguns órgãos de comunicação. Não nos parece que o facto de não contemplarmos outros meios introduza qualquer tipo de desvio ou padrão nos acontecimentos registados. Na verdade, parece-nos que *media* como a televisão e a rádio dedicam ainda menos ‘espaço’ a este tipo de notícias. Quanto aos jornais que foram sistematicamente consultados – *Correio da Manhã*, *Diário de Notícias*, *Expresso*, *Jornal de Notícias* e *Público* –, trata-se de órgãos que, em nosso entender, representam eficazmente a imprensa generalista portuguesa. Significa isto que, admitindo os erros resultantes de ‘falhas humanas’ na recolha da informação, temos uma cronologia que representa os acontecimentos sobre os *media* que os jornais acima citados julgaram suficientemente relevantes para serem publicados.

Ainda assim, importa esclarecer um outro nível de selecção – e de (re)construção –, já que, tal como referimos antes, nem todos os dados recolhidos estão aqui publicados. Para chegarmos a um volume de informação publicável, mas suficientemente extensivo, accionámos algumas normas para a escolha dos acontecimentos. Não vamos aqui discutir a pertinência desses critérios, que podem sempre ser sujeitos a críticas, dependendo dos pontos de vista, mas apenas enunciá-los: privilegiou-se a informação de âmbito nacional⁴; tentou-se garantir, dentro do razoável, o equilíbrio entre as diferentes áreas (imprensa, rádio, televisão, internet, publicidade)⁵ e procurou-se favorecer o seguimento de ‘casos’ e tendências, mas reduzindo a informação ao mínimo necessário para permitir esse acompanhamento; salvo raras excepções, retirou-se a informação relativa a ‘efemérides’, como o aniversário de órgãos de comunicação, o falecimento de jornalistas (com excepção dos casos em que isto aconteceu de forma violenta, no exercício das suas funções) ou o surgimento e encerramento de órgãos de informação ou de programas radiofónicos ou televisivos

⁴ No caso dos acontecimentos de âmbito internacional, importa esclarecer que não podemos falar de uma consulta diária sistemática, embora tenha havido a preocupação de fazer um acompanhamento regular. Este seguimento foi feito através da consulta dos seguintes órgãos: *El Mundo*, *El País* e *La Vanguardia* (Espanha); *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo* (Brasil); *Le Monde* (França); *The Guardian* (Inglaterra); e *The Washington Post* e *The New York Times* (EUA).

⁵ A aplicação deste critério tornou-se especialmente difícil, e quase impossível, na medida em que o volume de informação disponível à partida é já muito desequilibrado: por exemplo, há muito pouca informação sobre o sector da publicidade e sobre a rádio, mas encontram-se muitas notícias sobre televisão. Esta realidade pode ser vista, desde logo, como representativa e sintomática da organização e características dos *media*.

(exceptuando as situações em que estas informações eram sinal ou sintoma de uma tendência, como a crise económica no sector). Por regra, optou-se por não incluir as transferências ou promoções de profissionais, dentro e entre órgãos de comunicação. Foi ainda retirada toda a informação relativa ao lançamento de livros sobre os *media*, da autoria de jornalistas e académicos; sobre colóquios, congressos e outros eventos desta natureza; e sobre estudos e investigações académicas sobre o sector dos *media* e do jornalismo, embora tenhamos optado por manter alguns, em particular no caso dos estudos sobre audiências e consumo, de resto os que mais abundam, ao longo de todo o período.

As questões metodológicas relativas às fontes e aos critérios de selecção da informação são especialmente relevantes quando se trata da organização de uma cronologia, razão pela qual lhes dedicamos aqui espaço de esclarecimento e reflexão. Para além dos aspectos já discutidos, salientamos um aspecto de alguma forma inovador em relação à publicação relativa ao período anterior (Pinto, 2000), que diz respeito a um tópico a que já aludimos nesta Nota Introdutória: as possibilidades abertas pela internet como fonte de informação sobre os *media*. Se não é novo o papel da internet no incremento da informação disponível, uma tendência assinalada por Pinto (2000), já o recurso aos blogues é emblemático deste quinquénio. Com efeito, a consulta a blogues que se dedicam ao acompanhamento dos *media* permitiu, em várias situações, tomar nota de acontecimentos que, tendo sido também noticiados e seguidos pelos *media*, chegaram inicialmente ao nosso conhecimento por via deste recurso. Isto coloca-nos uma questão metodológica, já que, no futuro, talvez tenhamos de equacionar – mas, pelo menos, certamente, de discutir – a necessidade de referenciar os blogues como fonte, a par dos outros órgãos de informação. Este é um assunto que requer uma discussão mais alargada, já que levanta outros problemas, nomeadamente o estatuto dos blogues enquanto ‘órgãos de informação’, mas parece-nos relevante assinalar desde já este tópico, não só a título metodológico, mas também como um sintoma das evoluções do quinquénio.

A organização dos dados levantou outras dificuldades, particularmente ao nível da verificação da informação: em alguns casos, diferentes jornais indicavam datas diferentes para os mesmos acontecimentos; noutros casos, dependendo da fonte de cada órgão de informação, eram citados dados diferentes para os mesmos factos (isto é especialmente visível na informação anual sobre a morte de jornalistas, que varia em função da organização que revela as estatísticas); ou ainda, os casos em que são anunciados acontecimentos cuja efectiva realização não é depois retomada pelos jornais, o que não permite perceber intuitivamente se o acontecimento de facto não ocorreu ou se apenas não foi noticiado.

Reconhecemos que todas estas escolhas, dificuldades e critérios têm um papel na (re)configuração daquilo que apresentamos como ‘os acontecimentos que

retratam o que aconteceu no sector dos *media* de 2000 a 2004⁷, mas acreditamos que não introduzem qualquer tipo de desvio que ponha em causa o que de substancial foi noticiado sobre os *media* neste período.

Bibliografia

Mesquita, M. (1994). “Os meios de Comunicação Social”, António Reis (ed.), *Portugal – 20 anos de Democracia*, Lisboa: Círculo de Leitores, pp. 360-405.

Pinto, M., (ed.) (2000). *A Comunicação e os Media em Portugal (1995-1999) – Cronologia e leituras de tendências*. Comunicação e Sociedade. Braga: Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade do Minho.

Williams, N.*et alii* (1999). *Cronologia do Século XX*, Lisboa: Círculo de Leitores.